

**O CORPO NA SOCIEDADE MODERNA  
A PARTIR DA LEITURA DE *AS FONTES DO SELF*:  
A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE MODERNA,  
DE CHARLES TAYLOR**

Jacqueline de Cassia Pinheiro Lima (UERJ)  
[jpineiro@unigranrio.edu.br](mailto:jpineiro@unigranrio.edu.br)

**RESUMO**

*As Fontes do Self: A Construção da Identidade Moderna* (TAYLOR, 1997), é considerado um dos trabalhos mais significantes dentro da filosofia moral e da história das ideias dos últimos tempos. Ao trabalhar com as relações da identidade, Taylor apresenta uma narrativa histórico-sociológica do desenvolvimento da identidade moderna e sua relação com a moral e suas raízes. Neste sentido, como podemos perceber a partir das questões levantadas pelo autor, os indivíduos na cidade e sua relação com ela? Ao descrever a crescente separação da ética moderna da deística e as fontes iluministas que nascem delas, bem como mostrar como a moral torna-se separada de sua fonte como uma razão processual e como a visão do Iluminismo e da natureza ganhou influência sobre a razão substantiva, o autor compreende o desenvolvimento das fontes morais unicamente modernas e usa termos como *self* e identidade definindo como múltiplos caminhos para sociólogos, psicólogos, teólogos e filósofos compreenderem o momento. Embora tenha sido escrita no meio do século XX, sua obra reflete o indivíduo, seu corpo e suas relações no século XXI.

**1. O autor**

Charles Taylor nasceu no Canadá em 1931 e foi educado em Oxford. Hoje, é considerado um dos principais filósofos contemporâneos, crítico das ideias de neutralidade política liberal. Professor de filosofia da McGill University, Taylor se destaca por seu interesse variado nas discussões sobre o conhecimento dos seres humanos, focando em seus trabalhos a formação da identidade humana, bem como pelo alcance que tem sua influência.

Além de *As Fontes do Self*, também é autor de *The Ethics of Authenticity*, *Hegel and Modern Society* e *Philosophical Papers*, entre outros importantes trabalhos.

## 2. A obra

*As Fontes do Self: A Construção da Identidade Moderna* é considerado um dos trabalhos mais significantes dentro da filosofia moral e da história das ideias dos últimos tempos. Ao trabalhar com as relações da identidade, Taylor apresenta uma narrativa histórico-sociológica do desenvolvimento da identidade moderna e sua relação com a moral e suas raízes.

Taylor consegue articular uma ética moderna de bondade e justiça universal no Ocidente. Ele descreve a crescente separação da ética moderna da deíctica e as fontes Iluministas que nascem delas, bem como mostra como a moral torna-se separada de sua fonte como uma razão processual e como a visão do Iluminismo e da natureza ganhou influência sobre a razão substantiva. O autor vai longe ao descrever o desenvolvimento das fontes morais unicamente modernas e usa termos como *self* e identidade definindo como múltiplos caminhos para sociólogos, psicólogos, teólogos e filósofos.

Sua discussão vai de Platão à Nietzsche passando por Santo Agostinho, Descartes, Kant, entre outros. Através da leitura das partes II, III e IV, poderemos observar como o autor compreendeu histórica e sociologicamente a ideia de *self*. Está interessado em ideias como ideais morais, entendimentos da condição humana e conceitos do *self*.

Para o autor a ideia de *self* está ligada à de interioridade. Pensamentos e emoções estão dentro das pessoas, enquanto tudo o que eles se relacionam estão fora delas, mas por mais que os seres humanos tenham lugares sombrios dentro deles próprios, Taylor mostra que esta é uma característica do mundo moderno.

Segundo o autor, as pessoas têm muita dificuldade de pensar sobre o que realmente está fora ou dentro de seus pensamentos. Essa divisão dentro/fora está em que primeiro há uma espécie de pensamento, desejo, que só é colocado para fora, expresso, se for através da fala ou da ação. Para justificar como a noção de interioridade/exterioridade é diferente em outras culturas e épocas, Taylor aborda paradigmas distintos. O primeiro deles é Platão.

O autor toma como ponto de partida de que para Platão a noção de *self* é dominado pelo desejo, sendo este, portanto que ser substituído e subordinado à razão. As fontes morais estabelecidas por Platão em *A república*, que se tornaram polêmicas tanto para sua época, quanto hoje,

## XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

traz à tona a noção de que a razão sempre deve estar colocada acima dos desejos para que se estabeleça o bem contra o mal.

As pessoas de bem preservam a ordem, a harmonia, enquanto as más estão em conflito perpétuo. Na visão de Platão o domínio do *self* pelo desejo só traz autodestruição, enquanto a razão produz unidade, calma e controle pessoal. Hoje, o questionamento dessa posição está na observação de que tanto o controle através da razão, pode reprimir e endurecer o indivíduo, levando-o, inclusive, à escravização.

Mas, para os antigos, a razão estava completamente ligada à ordem, que por sua vez ligava-se à justiça e tinha como resultado um Estado feliz. A ordem da realidade se faz correta se governada, então, pela razão. Para Platão, a noção de razão como ordenadora e como virtude está na própria concepção de governo que deveria ser comandado por homens sábios, pois os sábios estão completamente livres das paixões.

A segunda figura observada por Taylor é Santo Agostinho que embora ainda obtenha os ideais platônicos traz a novidade da interioridade. A noção de razão como aponta Jessé Souza (2001) passa a ser uma intimidade entre o ser e o mundo. A interioridade está presente em Agostinho porque é uma forma de se configurar a verdade divina que é Deus que está dentro de nós.

Agostinho muito influenciado pela ideia de Platão, considerava que as coisas deveriam ser entendidas como os signos e expressões de pensamento de Deus. As ideias de Deus também estariam presas às noções de ordem. Deus passa a ser a luz interior. É a noção de interioridade, a visão da primeira pessoa. Segundo Taylor, Agostinho foi “o primeiro a tornar o ponto de vista da primeira pessoa fundamental para nossa busca da verdade”. (TAYLOR, 176)

Para Agostinho o caminho para o exterior passava por dentro. A reflexão passa a ser essencial ao entendimento moral. O interior torna-se o caminho para o superior, isto é, para se chegar a Deus.

Em terceiro Taylor aponta o pensamento de Descartes, que segundo Souza objetiva a realidade exterior à mente. Racionalidade passa a ser pensada de acordo com certos procedimentos. Descartes também enfatiza a noção de que a existência superior de Deus vem de dentro das próprias ideias das pessoas e, portanto, ainda carrega um sentido agostiniano. Se para os antigos a razão era o domínio de si mesmo e a força moral estava do lado de fora, onde estar governado pela razão era estar

voltado para as Ideias, Descartes dá uma renovação na ideia de Agostinho ao mostrar que as fontes morais moram dentro de nós.

As ideias não são mais descobertas, são construídas. Para Descartes, a hegemonia da razão é uma questão de controle instrumental e assim, ela pode governar as paixões. Conduzir as ações da vida discernindo entre o bem e o mal faz parte de uma força de vontade que é para Descartes uma virtude central.

Por sua vez, para ser responsável pela sistematização do ideal de auto responsabilidade, Locke será chamado ao debate. Para Taylor, o surgimento do controle desprendido e racional tornou-se uma forma de construção de nós mesmos. É o senso de interioridade a que chama de “*self* pontual”, que levou a um grande desprendimento ao voltar-se para o próprio sujeito.

Locke se coloca contra qualquer visão que nos considere naturalmente inclinados para a verdade. Para isso é necessário demolição e reconstrução com base no conhecimento dos sentidos. A teoria de Locke gera, portanto, um ideal de independência e auto responsabilidade. A força do “*self* pontual” de Locke decorre da postura disciplinadora em relação com a cultura moderna, onde no mundo moderno voltar-se para si é voltar-se para a primeira pessoa.

Montaigne é chamado na discussão sobre a autoridade moral, procurando enaltecer a originalidade de cada pessoa. É um caso a parte que Taylor observa com sua proposta de descrever a si mesmo. Sua busca é o equilíbrio, procurando uma harmonia mesmo em pleno movimento. Distancia-se dos excessos, sejam eles da razão ou da paixão, para encontrar um limite que é só seu e, não universal. É a busca do próprio ser para alcançar o autoconhecimento.

Enquanto Descartes fala do indivíduo numa essência geral, Montaigne identifica o indivíduo na sua singularidade. Nas palavras de Taylor, Montaigne seria “um criador da originalidade de cada pessoa”. (TAYLOR, 237). Com a busca do *self* para se chegar à harmonia, Montaigne inaugura alguns temas da cultura moderna, mas Taylor chama a atenção para não se cair num anacronismo, pois lembra que a questão da identidade moderna só pertence ao período pós-romântico.

É assim que Taylor percebe que o *self* moderno está em processo de gestação no século XVIII. O individualismo combina formas de auto exploração e autocontrole. As características do senso de *self* estão cen-

tradas primeiramente no desenvolvimento das formas de interioridade relacionado aos deslocamentos das fontes morais.

Em seu décimo segundo capítulo Taylor volta-se à pergunta central de sua obra: o que produziu a identidade moderna? Uma pergunta que ele considera ambiciosa. Para respondê-la usa de outras perguntas, bem como de uma perspectiva histórica. Para o autor, a identidade moderna surgiu porque as mudanças na auto compreensão aliadas às práticas religiosas, culturais, políticas, etc., reforçaram-se na intenção de reproduzi-las.

Porém, é neste clima que Taylor entra na terceira parte de seu livro e sugere que até então ainda não se explicou a extensão da ideia moderna de interior. Para isso, ainda se torna necessário o surgimento das noções modernas de natureza e suas raízes na afirmação da vida cotidiana.

Segundo o autor, a afirmação da vida cotidiana recebe impulso, sobretudo, na Reforma Religiosa que rejeita o sagrado e a ideia de medição e que determina que a plenitude da existência cristã deveria ser encontrada na vida terrena (casamento, trabalho, família).

A afirmação da vida cotidiana e como ela afetou a identidade moderna é a principal preocupação de Taylor no capítulo 14. O autor se preocupa em falar da fusão da ética da vida cotidiana e da filosofia da liberdade e racionalidade desprendidas. Na primeira fase essa fusão tem uma visão teológica, no século XVIII surge a visão naturalista. Locke era uma figura central do primeiro modelo, inclinando-se ao voluntarismo teológico ao mesmo tempo que era um hedonista. Para Locke, a Lei da Natureza era divina e racional – lembrando que esta razão era instrumental – ou seja, obedecer a Deus é a coisa racional a fazer.

O novo quadro da vida cotidiana que Locke ajudou a pintar está ligado à noção de que os homens devam servir uns aos outros, ajudar-se mutuamente e, deste modo, Deus estaria sendo louvado e admirado.

Por outro lado, aparecem outras variantes do deísmo que se diferenciam segundo o tipo de cristianismo ortodoxo, do qual cada um deriva. Uma nova teoria, a dos sentimentos morais, está em mostrar que a pessoa deve amar e alegrar-se com o curso do mundo, onde a ordem e a beleza mais elevadas e belas são objetos de maior prazer. Sua principal personagem é Shaftesbury, que em certo sentido pode ser chamado de racionalista.

A partir de então, o senso moral nos leva à benevolência e ela é o que mais propicia a felicidade e a existência cotidiana é necessária para se fazer o bem comum.

No décimo sexto capítulo, Taylor começa a dar indícios de que o deísmo do século XVIII foi uma preparação para o Iluminismo radical. No deísmo, como já foi dito, a benevolência de Deus era autossuficiente, embora a relação com Deus seja de gratidão e amor. No deísmo, Deus não intervém de forma miraculosa.

Outra grande contribuição de Taylor, é a importância de notar que a noção do bem ligado à natureza passa da noção hierárquica da razão para o desígnio providencial e esta mudança ocorre na cultura como um todo e os filósofos ajudam a articulá-la. Neste sentido, Taylor aborda alguns movimentos culturais dos séculos XVII e XVIII. São eles, o novo valor do comércio; o romance; o casamento baseado no afeto (ARIÈS, 1981)<sup>76</sup>; a importância dos sentimentos e suas mudanças temporais e espaciais.

Outra situação abordada por Taylor é a importância do amor pela natureza no século XVIII. Nas próprias obras de arte o homem começa a incorporar a natureza e a pinta para exprimi-la. A paisagem torna-se um estado da alma. A natureza tende a exprimir uma ideia, um sentimento e passa a ser encarada como objeto de observação e estímulo à autorreflexão. Isto se dá através de dois sentidos da arte, o *pitoresco*, que primava pela paisagem bucólica e simples e o *sublime* em que a natureza fazia-nos pensar nos sentimentos mais fortes. Era a compreensão da pequenez do homem frente a ela (ARGAN, 1992; LIMA, 1984; ROSENTHAL, 1987). Natureza e sentimento humano estariam em sintonia. Nas palavras de Taylor, “o novo amor pela natureza apoia-se precisamente naquilo que ela desperta em nós” (TAYLOR, 388). A natureza passa a se concebida como fonte.

Taylor assim discute a questão da secularização para preparar o terreno da caracterização da transição que se deu do pensamento do Iluminismo radical descrente a partir do deísmo. Pois, segundo o autor, o Iluminismo radical acreditou intensamente nos frutos benéficos da compreensão racional. Os motivos do Iluminismo radical foram impulsiona-

---

<sup>76</sup> Para isso Taylor utiliza as ideias do historiador Philippe Ariès que aborda a visão histórica da criança e da família, demonstrando a evolução da mudança de atitudes ao longo de séculos.

dos para a razão despreendida pela ideia de estarem libertando a benevolência de um erro gerado pela superstição.

No vigésimo capítulo Taylor trata de Kant. Para este, tanto o utilitarismo, quanto o naturalismo Iluminista pioram a situação do deísmo, não deixando espaço para a liberdade e para a dimensão moral. Neste sentido, como Rousseau, Kant condena o utilitarismo. Rousseau compreende a moral também de uma forma bastante subjetiva. O bem depende somente da razão ou está ligado aos sentimentos também? Esta pergunta só pode ser respondida pelo caminho da interioridade. Kant apresenta também, uma forma de internalização moderna de encontrar o bem nas motivações interiores.

Segundo Jessé Souza, o ponto crucial da obra de Taylor é demonstrar que a crise do *self* moderno decorre da radicalização da perspectiva do sujeito. Ele torna-se naturalizado. Neste sentido, a Reforma Protestante foi um passo fundamental para a singularidade cultural e moral do ocidente. É a hora de fazer uma aproximação entre o *self* e a vida cotidiana e retirar a ideia hierárquica da sociedade como um todo.

Jessé Souza vê claramente a posição de Charles Taylor como representante da compreensão de aspectos importantes da situação atual em que o Ocidente se encontra, observando que para Taylor há uma necessidade da perspectiva hermenêutica da ciência como ponto de partida para o estudo da identidade, do *self* e do mundo moderno. Segundo Souza, Taylor está interessado na avaliação da constituição da identidade humana, passando a se interessar pela estrutura interna dos desejos humanos.

Taylor está preocupado, em sua obra, em mostrar o valor pelo qual as pessoas se orientam diariamente, ou seja, como são tratadas as concepções de bem para perceber a concepção moderna de indivíduo. Esta concepção é dada através da história das ideias, mas não no sentido de se estabelecer seu conteúdo, mas de mostrar sua eficácia. Para o autor, identidade e moralidade não se separam, isto é, o que nós achamos bom ou mau para nós mesmos. E, no ocidente moderno, dois aspectos tornam-se fundamentais: a interioridade e a vida cotidiana.

Este livro não é uma análise sociológica ou psicológica do *self*, mas envolve diferentes definições. Taylor oferece uma explicação do desenvolvimento da moderna identidade através da história das ideias.

### 3. Conclusão

Através da exploração destes temas Taylor mostra como a noção do *self* muda através da história do Ocidente. Na era moderna, identidade e bondade ainda convivem, mas os desenvolvimentos mudam as características de ambos. Outra ideia é a da razão como procedimento do pensamento, sendo ela mesma dividida. Nota-se que o consenso de uma moderna ética ocidental de liberdade, justiça e benevolência que aparece em seu trabalho, também aparece nos trabalhos de Habermas e Parsons.

O autor começa mostrando sua visão da filosofia moral, isto é, a avaliação moral como centro da identidade humana e termina mostrando um consenso de que a moral é um direito humano universal, a demanda para reduzir o sofrimento, as ideias de liberdade, igualdade e determinação do *self* e uma falta de fontes morais. A maior parte do livro se coloca ao desenvolvimento dos três temas que influenciam a identidade moderna: uma radical volta ao interior, a afirmação da vida comum e a visão da natureza como uma fonte para a avaliação da moral e do *self*.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARGAN, Giulio Carlo. *Arte moderna*. São Paulo: Cia. das Letras, 1992.
- ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- LIMA, Luiz Costa. *O controle do imaginário*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- ROSEMBLUM, Robert. *Modern painting and the northern romantic tradition*. Friedrich to Rothko. Nova York: Harper & Row, 1975.
- ROSENTHAL, León Rosenthal. *Du Romantisme au Réalisme*. Paris: Macula, 1987.
- SOUZA, Jessé. *A modernização seletiva*. Uma interpretação do dilema brasileiro. Brasília: UnB, 2001.
- TAYLOR, Charles. *As fontes do self: a construção da identidade moderna*. Trad.: Adail Ubirajara Sobral e Dinah de Abreu Azevedo. São Paulo: Loyola, 1997.